UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-UFSC

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

VALDEMIR PINHEIRO

INFÂNCIA KAINGANG NA TERRA INDIGENA XAPECÓ- SC:

Saber e Aprender

FLORIANÓPOLIS-SC

2015

VALDEMIR PINHEIRO

INFÂNCIA KAINGANG NA TERRA INDIGENA XAPECÓ- SC:

Saber e Aprender

Trabalho apresentado como requisito para obtenção do titulo em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia Vulfe Nötzold

Terminalidade: Humanidades com ênfase em Direitos Indígenas

FLORIANÓPOLIS-SC

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 27 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 09:00 horas , na Sala 311 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora Orientadora Ana Lúcia Vulfe Nötzold e Presidente, Professora Jeniffer Caroline da Silva, Titular da Banca, e Professora, Helena Alpini Rosa, Suplente, designados pela Portaria nº 04/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Valdemir Pinheiro, subordinado ao título: "A infância kaingang na T.I Xapecó-SC: Saberes e Fazeres". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Ana Lúcia Vulfe Nötzold , a nota final ..10.., da Professora Jeniffer Caroline da Silva , a nota final ..10.., e da Professora Helena Alpini Rosa, a nota final ..10...; sendo aprovado com a nota final ..10... O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 27 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Profa. .....

Profa. Helena Alpini Rosa

Profa. .....

Candidato Valdemir Pinheiro

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Valdemir Pinheiro, matricula n.°11103045, entregou a versão final de seu TCC cujo título é A infância Kaingang na T.I Xapecó-SC: Saberes e Fazeres, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis,28 de janeiro de 2015.

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho faz parte de uma etapa importante em minha vida pessoal e familiar, pois é o momento em que através da academia busquei a formação profissional para trabalhar em nossas escolas. Primeiramente agradecer a Deus e as muitas pessoas que foram importantes nessa trajetória, nada mais justo do que demonstrar minha gratidão a todos que torceram, confiaram, colaboram e me incentivaram nessa longa caminhada. Difícil descrever a todos sem esquecer algum, por isso peço desculpas se esquecer de alguém e deixo um profundo agradecimento.

Agradeço também, quem é cúmplice desse importante trabalho que concluo sob a orientação da professora doutora Ana Lúcia Vulfe Nötzold. Primeiramente por aceitar o pedido de ser minha orientadora e pacientemente compreender minha dificuldade como iniciante no universo acadêmico e no decorrer do trabalho, indicar leituras, ler, reler e sempre atenta a cobrar, o que contribuiu e incentivou a aprender com o universo acadêmico.

Agradeço as diversas pessoas que integraram o Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica - UFSC e também aos professores e alunos que em conjunto aprendemos a estudar as crianças indígenas. Foi fundamental em sala de aula construir e dialogar conhecimentos e vivências, o que contribuiu muito para concluir esse projeto rico.

Não poderia deixar de agradecer meus familiares, parentes e amigos pela confiança contribuição e incentivo durante as etapas que ficamos longe de nossas aldeias. Em especial agradeço carinhosamente a minha mãe Dejamira, fundamental nos momentos mais difíceis, que muito mais de que conselheira também incentiva e apóia minhas decisões. A meus irmãos que sempre torceram por mim em especial a minha Irmã Diovana e meu cunhado Sidemar de Palhoça - SC que durante a etapa me acolhiam nos passeios de finais de semana. Agradeço também aos amigos em especial ao Amarildo Pinheiro, meu primo, que durante as minhas vindas para a Universidade me repassava informações e notícias da família, por telefone.

A memória das pessoas entrevistadas foi muito importante para a construção desse trabalho ajudou esclarecer as ideias a serem apresentadas. Dentre elas algumas crianças Eliton, Rafael e Cristiane. Estendendo os agradecimentos às crianças fotografadas nas aldeias que de certa maneira permitiram outra forma para enriquecer e esclarecer a pesquisa.

Enfim quero mais que agradecer e dedicar meu trabalho a Associação de Pais e Professores -APP da Escola Indígena de Ensino Fundamental Baixo Samburá, pais e alunos daquela comunidade, que atendendo minhas necessidades aceitaram fazermos aulas aos finais de semana e feriados contribuído para o desempenho das atividades nessa jornada. Obrigado a todos!

RESUMO

A partir de um contexto cultural, essa pesquisa aborda a temática da Infância Indígena na Terra Indígena Xapecó-SC. Busco investigar a Infância Indígena Kaingang e demonstrar os saberes e fazeres na vivência do cotidiano buscando também compará-la com a minha infância. Ao longo da pesquisa apresento a partir do contexto cultural as vivências da infância ligadas ao ambiente natural e social. Sendo assim tratamos diversos assuntos dentre eles a convivência com os rios que cortam as aldeias, as fases da vida Kaingang, casamentos, etc.

Palavras -chave: Kaingang, Infância Indígena, Fases da Vida

VÃME

Vãme tag vỹ tỹ gir tu ke ni, emã tỹ Xapecó-SC ki. Isỹ kaingang kesir ag tỹ ne u han fa ken to vamen ge ve, ag tỹ kurã kar ki han fã en, isỹ inh si kã nén u han fã en tỹ u ke ja venh ge ve. Kara g tỹ nén u kar mré há em ke gé, ag munh jã ni, kar ag mag je henkã ag juvãn ge mré há, ag prun há han gé.

Venhvi tỹ kãmen ge: *kaingang, gir kesin, eg mog*

Tradução: Arão da Rosa

LISTA DE COLABORADORES

BATISTA, Eliton, 12 anos, **entrevista sobre o cuidado dos irmãos menores,** outubro de 2014, Aldeia Sede-Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

FARIAS, Miguel, 51 anos, **entrevista sobre o uso do futebol indígena nos tempos antigos com velhos da comunidade**, abril de 2014, Aldeia Sede-Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

INÁCIO, Jandir, 33 anos, **entrevista sobre o casamento,** outubro de 2014, Aldeia Olaria – Terra Indígena Xapecó - **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

KARAI, Silvones, 27 anos, **entrevista sobre dados das famílias da aldeia limeira**, setembro de 2014, Aldeia Limeira -Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

LUZ, Vicente da, 56 anos, **entrevista sobre o conto da mulher que grita**, janeiro de 2014, Aldeia Sede-Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

PINHEIRO, Claudemir, 39 anos, **conto da mulher que grita no Mato da Vita**, junho de 2014, Aldeia Olaria- Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

SOARES, Rafael, 10 anos, **entrevista sobre local preferido de brincadeira**, setembro de 2014, Aldeia Sede-Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

VIEIRA, Elielton, 09 anos, **entrevista sobre: curiosidade ao desmontar uma televisão,** fevereiro de 2014, Aldeia Sede-Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dona Maria com seu neto e dois filhos, prestes a passar a divisa da T.I. Xapecó-SC para vender artesanato na comunidade não indígena Baixo Sambará 14
Figura 2: Mato da Vita: divide as aldeias Sede e Olaria 20
Figura 3: Crianças desmontando uma televisão 22
Figura 4: Criança brincando 23
Figura 5: Ilustra como as crianças formam o poço para banho 26
Figura 6: Crianças da Aldeia Baixo Sambará jogando bola com time adulto 27
Figura 7: Crianças indo à caça de pássaros 29

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 03

RESUMO 05

COLABORADORES 06

LISTA DE FIGURAS 07

INTRODUÇÃO 10

CAPITULO 1 CARACTERIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE TERRA INDIGENA XAPECÓ-SC 13

1.1 TERRA INDÍGENA XAPECÓ-SC 13

1.2 AS FAMÍLIAS 14

1.3 DEPENDÊNCIA 15

1.4 AS CRIANÇAS, OS RIOS E AÇUDES 15

1.5 AS GÍRIAS E SOTAQUES 16

1.5.1 AS GÍRIAS 16

1.5.2 ALGUMAS GÍRIAS PADRONIZADAS DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ 16

1.5.3 SOTAQUES 17

CAPITULO 2 O APRENDER 18

2.1 LAÇO DE PARENTESCO E O APRENDER 18

2.2 LIBERDADE 18

2.3 CRENÇAS 19

2.4 A MULHER QUE GRITA 20

CAPITULO 3 DIVERSÃO 22

3.1 VARIEDADES DE DIVERSÕES 22

3.2 OS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS 23

3.3 OS POÇOS DE BANHO 24

3.3.1 COMO CONSTRUIR UM POÇO 24

3.4 BAILES E MATI-BAILES 26

3.5 FUTEBOL 27

CAPITULO 4 TERRITÓRIO TRADICIONAL DA INFÂNCIA INDÍGENA KAINGANG TERRA INDÍGENA XAPECÓ-SC 29

4.1 O USO DO TERRITÓRIO PELA CRIANÇA 29

4.2 A COLETA 30

4.3 A CAÇA 30

4.4 A PESCA 31

4.5 LIMITAÇÕES DO TERRITÓRIO TRADICIONAL 32
CAPITULO 5 TRABALHO 33
5.1 DEVERES DA INFÂNCIA 33
5.1.1 MENINOS 33
5.1.2 MENINAS 34
5.2 A COLHEITA DO FEIJÃO 34
5.3 VENDA DE SUCATAS 35
CAPITULO 6 AS FASES DA VIDA 36
6.1 NASCIMENTO 36
6.2 *GIR SI*: BEBÊ - 0 A 1 ANO 36
6.3 *GĩR* : CRIANÇA - 0 A 13 ANOS 36
6.4 *TI*: ADULTO/ HOMEM 37
6.5 CASAMENTO: NA FASE INICIAL DA JUVENTUDE 37
6.6 *KÓFA*: VELHICE 37
6.7 *KYRŨ*: HOMEM QUE NUNCA SE CASOU 38
CONSIDERAÇÕES FINAIS 39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 40
ANEXOS

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca promover uma reflexão sobre a infância Kaingang, entre o saber e aprender, na Terra Indígena Xapecó, pertencente a dois municípios de Ipuaçu e Entre Rios localizados no oeste do estado de Santa Catarina. Com esse propósito, adquirimos um conhecimento amplo do relacionamento das crianças, pois assim como os entrevistados moro e sou professor na Terra Indígena Xapecó e temos vivência com o cotidiano das crianças e pensamos que aprofundar os conhecimentos na infância é fundamental para compreender o ser Kaingang. Nesse trabalho estudamos como promovem e constroem as vivências, o que influencia na aprendizagem das crianças, a importância da liberdade na infância indígena Kaingang, como as crianças aprendem apenas observando, o relacionamento de crianças com adultos e por que as crianças aos 13 anos casam e se tornam adultos. É comum a liberdade e autonomia na infância indígena Kaingang e os brinquedos e brincadeiras geralmente partem do ambiente natural e artefatos inúteis.

A infância indígena Kaingang é divida em duas fases *Gĩr: criança* e *ti: adulto* e são subdivididas entre si e, os modos de saber aprender se diferenciam de aldeia para aldeia. Junto com os pais, as crianças também trabalham para colaborar na renda da família e quando casam-se geralmente os adolescentes moram com seus pais e passam a ser considerados como adultos. A maior parte dos adolescentes casa-se mais de uma vez.

As crianças Kaingang da Terra Indígena Xapecó aprendem e se adaptam a conviver junto ao ambiente natural. As vivências se distinguem de aldeia para aldeia e isso depende do ambiente natural de sobrevivência das crianças e automaticamente influencia no modo de promover brincadeiras. Para cada aldeia tem um auto- mapeamento memorial dos setores de caça pesca e coletas de frutos como: jabuticaba, guabiroba, bergamota, pinhão, araticum, capota, etc. As crianças ainda usam técnicas antigas de caça, como a caça do perea e a caça da rã, e são muito ligadas a diversão, seja na caça, pesca, coleta, bailes, torneio de futebol, etc., e optam a elas de acordo com seu gosto.

Com o passar dos anos o território tradicional da infância Kaingang tem sido reduzido, o que se deve a vários fatores tendo como principal a expansão de lavouras mecanizadas. As crianças desde muito cedo aprendem a viver expostas ao trabalho dos pais e a convivência na vida cotidiana dos pais e parentes e se percebe que de forma geral as meninas são menos expostas ao dia-a-dia, pois até os 13 anos de idade são treinadas a articular o lazer e bem viver dentro de casa. Os deveres de meninos e meninas se diferenciam no âmbito familiar.

Desde muitos tempos as crianças desenvolvem habilidades em diversas situações, mas havia a necessidade de enriquecer o conhecimento da infância indígena Kaingang. Se a aldeia for pequena e cercada pelo ambiente natural, as crianças tendem a se adequar e serem criativas de acordo com que o ambiente oferece, por exemplo: quando o rio corta a aldeia naturalmente as crianças dessa aldeia desfrutarão e vão associar o cotidiano a esse rio. Por este projeto conseguiremos transmitir o conhecimento da infância indígena Kaingang, na Terra Indígena Xapecó- SC.

Através de diversas fontes procuramos enriquecer este trabalho. Foram utilizados vários materiais que eu produzi durante o curso de graduação, para as várias disciplinas cursadas e também usei as atividades produzidas nos Estágios. A pesquisa de campo foi fundamental para apresentar a realidade da Infância Indígena Kaingang na Terra Indígena Xapecó-SC. Trouxemos através de fontes orais com lideranças, pais e crianças relatos de métodos de educação indígena e depoimentos sobre a infância indígena. Buscamos referências bibliográficas, assimilações e comparações e contradições da infância Indígena Kaingang na Terra Indígena Xapecó- SC. Utilizamos pesquisas, tais como trabalhos das autoras Antonella Tassinari, Jeniffer Caroline da Silva e leis como, por exemplo, a Consolidação das Leis do Trabalho, sobretudo o Art. 403 no que tange o trabalho do menor. Utilizamos também fotos e algumas ilustrações: como construir um poço para banho, como fazer uma lanterna para a caçada noturna, reunindo tudo isso resultou num texto final do Trabalho de Conclusão de Curso(TCC).

Essa pesquisa está dividida em 06 capítulos. O capítulo 1. **Caracterização das crianças de Terra Indígena Xapecó -SC** aborda descrição geográfica e social da Terra Indígena Xapecó -SC, as divisões entre aldeias e sua organização política como acontece a escolha dos caciques como é organizada a liderança Indígena. De forma geral este capítulo busca apresentar as crianças e também traz um diagnóstico das famílias e como as crianças estão inseridas no cotidiano familiar e social, como as crianças convivem junto ao ambiente natural principalmente a convivência junto à água dos rios e açudes. Neste capítulo também traremos algumas gírias e sotaques presentes na relação da criança e da comunidade.

O capítulo 2. **O Aprender** aborda o aprender na infância e a importância do laço parentesco no aprender. Através deste capítulo também apresentamos a importância da liberdade e algumas crenças e contos na infância Kaingang.

O capítulo 3. **Diversão** trata sobre a diversão de maneira ampla e natural de acordo com o ambiente de cada comunidade. Apresentamos algumas das vareidades de diversões e como surgem os brinquedos e brincadeiras. Este capítulo aborda a importância dos poços

para banho e também traz uma ilustração de como construir um poço para banho. Abordamos também os bailes, mati-bailes e o futebol como meio de diversão para a infância Indígena Kaingang.

O capítulo 4. **Território Tradicional da Infância Indígena Kaingang** aborda o território tradicional da infância indígena Kaingang da Terra Indígena Xapecó -SC, o uso do território pela criança através da coleta caça, pesca e porque o território tradicional da infância indígena Kaingang está limitado e qual a influência maior sobre esta limitação.

O capítulo 5. **Trabalho** aborda o trabalho como deveres da infância e que o trabalho é visto como um dever familiar e esses deveres se diferem entre meninos e meninas, se percebe que os trabalhos que exigem força é exclusivo dos meninos. Também neste capítulo procuramos trazer uma visão jurídica sobre o trabalho, a partir da CLT – Consolidação das Leis do Trabalho que proibe qualquer trabalho a menores de dezesseis anos de idade e também apresentamos a infância Kaingang em temporadas de colheita de feijão e porque as crianças trabalham e qual o destino final de suas rendas. Veremos também como as crianças adquirem renda através das sucatas e como isso acontece.

O capítulo 6. **As fases da vida** trata das divisões durante as fases da vida desde o nascimento, bebê, criança até a fase adulta e velhice. Retrata as diversas fases da vida Kaingang, esclarece suas divisões na sociedade e como estas fases estão subdivididas entre si.

CAPÍTULO 1 CARACTERIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ-SC

1.1 TERRA INDIGENA XAPECÓ – SC

A Terra Indígena Xapecó está localizada no oeste do Estado de Santa Catarina e recebeu este nome devido estar situada entre dois rios: Rio Chapecó e Rio Chapecozinho, sendo que esses dois servem de limites da Terra Indígena Xapecó e acabam afunilando sua divisa tornando marcos importante para o cultural da população. Esta Terra Indígena acolhe duas etnias: Kaingang e Guarani, além de pertencer a dois municípios Ipuaçu e Entre Rios. O professor Silvones Karai – 27 anos, professor da aldeia guarani relatou que possui 31 famílias e 180 indivíduos naquela aldeia. A aldeia guarani localiza-se mais ao sul da Terra Indígena Xapecó -SC e hoje está reservada ao povo guarani sendo que as outras quinze aldeias são de usufruto Kaingang.

A Terra Indígena Xapecó -SC possui uma população total de 5.338 para um território de 15.623 ha (ISA, 2014). Esta Terra Indígena possui dezesseis aldeias cada uma com características e ambientes diferentes entre si. Dentre elas, a aldeia Sede também chamada de Posto devido ao prédio da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que se encontra nesta aldeia. A aldeia Sede abriga a maior das escolas da Terra Indígena Xapecó, a Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkre, por isso esta escola é referência entre as aldeias, já que grande parte das escolas são até o ensino fundamental. Hoje a Terra Indígena Xapecó abriga nove escolas sendo seis escolas multisseriadas e três escolas de ensino básico nas aldeias Sede, Pinhalzinho e Paiol de Barro.

A política interna da Terra Indígena Xapecó está organizada por um sistema que é definido de forma democrática. A política eleitoral assemelha-se às eleições municipais, estadual e federal, pois a cada quatro anos acontece uma nova eleição para eleger a liderança indígena para representar as aldeias. Sendo assim o cacique torna-se o líder político e representante do povo Kaingang e Guarani da Terra Indígena Xapecó. O cacique é composto de várias lideranças que estão divididas entre a Terra Indígena Xapecó, sendo: cacique e lideranças, vice- cacique e lideranças, capitão geral e lideranças, capitão de aldeia e lideranças. Cacique, vice-cacique, capitão geral, capitão de aldeia irão aderir a indígenas de afinidade e confiança para fazer parte da sua liderança, mas qualquer indígena pode ser convocado para colaborar como liderança e isso dependerá da situação. Quem fizer parte da

liderança deverá evitar ingerir bebida alcoólica, pois deverá sempre estar pronto para qualquer situação de apoio.

1.2 AS FAMÍLIAS

As famílias Kaingang são simples e de um sistema de parentesco muito forte, em cada aldeia e isso facilita para a criança adquirir novas técnicas de vivência e aprendizagem, e acabam por transmitirem essas novas vivências nos lugares onde moram. Geralmente as famílias são de baixa renda por isso as crianças buscam e aperfeiçoam suas vivências de acordo com o ambiente, tempo e sociedade.

Há famílias que sobrevivem da venda do artesanato e a criança acompanha todo o processo da confecção do artesanato até a venda. Consideramos que as crianças são capazes de ajudar suas mães a raspar taquara para confecção dos artesanatos, outras ajudam a confeccionar colares de rosário, também ajudam seus pais na venda dos artesanatos ou na troca por mandioca, batata ou alimento de mercado. Quando na aldeia, na venda do artesanato a criança está diretamente mais envolvida e na maioria das vezes é designada a negociar o artesanato. Na maioria das vezes a venda acontece para os não índios e a criança ajuda a transportar e negociar o artesanato.

Figura 1: Dona Maria com seu neto e dois filhos, prestes a passar a divisa da T.I. Xapecó-SC para vender artesanato na comunidade não indígena Baixo Samburá

Fonte: Foto de Valdemir Pinheiro em 23-08-2014

Algumas famílias possuem vínculos empregatícios em empresas da região, geralmente em empresas frigoríficas sendo que em algumas dessas empresas o número de indígenas é bem elevado o que não contribui para que os mesmos tenham cargos privilegiados. Durante o dia, fora da aldeia, as crianças são cuidadas por parentes avós, tios ou vizinhos. Em

alguns casos os irmãos mais velhos são responsáveis por essa atividade, como é o caso de Eliton Batista, 12 anos que estuda e cuida das irmãs menores, Eduarda e Vitória enquanto os pais trabalham na empresa frigorífica. Durante esse tempo Eliton é responsável pela família e também toma decisões que contribuem na educação das irmãs menores. Eliton diz: " eu tenho que ensinar a fazer de tudo, elas não ajudam muito, mas eu ensino".

Percebemos que mesmo com vínculos empregatícios algumas famílias associam os meios de sustento. Muitos indígenas da aldeia trabalham em empresas frigoríficas e ao mesmo tempo criam algum tipo de animal para o seu próprio consumo galinha, porcos, gado, etc, e nesses casos as crianças devem tratar os animais na ausência dos pais. Em horas vagas as famílias cultivam algum tipo de pequenas plantações de batatas, mandiocas, feijão ou até mesmo milho. Se a safra for rentável, há a possibilidade de vendermos no troca-troca ou no dinheiro e isso ajuda na renda da família. Durante esse processo as crianças estão super envolvidas, sempre demonstrando muita alegria em ajudar.

Algumas famílias se caracterizam como evangélicas, se distinguem como cristãs. Sendo assim, automaticamente o filho deverá seguir o mesmo caminho de seus pais e frequentar as igrejas e consequentemente as doutrinas. Percebe-se que a ética infantil diante da doutrina é mais frágil, pois a criança tem maior dificuldade em se estabilizar nas regras doutrinárias.

1.3 DEPENDÊNCIA

O desenvolvimento das crianças para a sobrevivência depende da liberdade, conhecimento e experiência dos pais, tios, avós e vizinhos. Isso porque todos convivem no dia a dia das crianças. Quando a criança é recém-nascida, se troca muito conhecimento através do diálogo de experiências para que seja aplicado na vivência do bebê, desde aprender a engatinhar, o que pode comer, simpatias, remédios caseiros, cuidado com o umbigo, etc. Tudo voltado no bem viver do bebê, portanto até os cinco anos idade a criança é muito dependente.

1.4 AS CRIANÇAS, OS RIOS E AÇUDES

O rio está diretamente ligado à vida da criança Kaingang. Em épocas de verão a criança está em fluxo constante com o rio e locais de banhos ou açudes de aldeia, isso porque na região oeste, no verão, faz muito calor e a água dos rios e açudes ajudam a diminuir a ansiedade. Para o bebê de colo dormir durante a tarde, a mãe vai até o rio e aplica o banho para ele dormir, pois o banho refresca o corpo e trará o sono profundo ao

bebê. Sendo assim desde muito cedo as crianças se adaptam a esses locais como se fossem locais para banho e acabam frequentando de forma intensa em épocas de verão. Quando tem um rio perto de casa ou que corta a aldeia em épocas de verão, as crianças e suas brincadeiras tendem a se aperfeiçoar com esse ambiente, ou seja, muito das diversas brincadeiras estarão ligadas ao rio ou próximos dele.

Já no inverno, por ser uma época muito fria na região dificilmente veremos crianças em contato permanente com o rio. Nessa época, quando é muito frio, as crianças tendem a brincar mais perto de casa. Por isso nessas épocas, quem não tem chuveiro em casa vai até o rio ou açude apenas para tomar banho, por isso é aconselhado tomar banho quando o sol está mais quente, evitando o frio. Nessa época de inverno intenso algumas famílias preferem tomar o banho de bacia em algum ambiente fechado da casa. Nesse banho é necessário amornar a água por isso deve ser metade da água fervendo e metade de água fria.

1.5 AS GÍRIAS E SOTAQUES

1.5.1 AS GÍRIAS

As crianças possuem gírias e sotaques diferentes entre aldeias e isso também pode variar de acordo com a procedência da família, mas também se percebe que algumas gírias e sotaques são padronizados. Como a gíria do (*quage)* que é usada em diversos aspectos: quando na conversa esclarecemos o caráter duvidoso, diz: (*quage*) - este termo estará esclarecendo que o indivíduo ficou em dúvida, mas esta mesma palavra também pode ser usada para outros aspectos. Para esclarecer admiração ou elogio por algo que ludicamente chamou atenção, a criança diz: não é bonito (*quage*), (está se referindo sobre as características físicas ou abstratas que chamou atenção). Isso esclareceria a admiração pelo aspecto físico ou não. A gíria (*quage*) é apenas uma das diversas formas de comunicação que aos estrangeiros seria vista como forma inadequada de comunicação ou incompreensível ao contexto natural, mas que para as crianças é fundamental como forma de compreensão e expressão. Existem diversidades de gírias presentes no dia a dia da criança Kaingang da Terra Indígena Xapecó, sejam essas gírias locais ou regionais, de tempo em tempo as gírias se renovam, mas uma vez aprendida jamais será esquecida.

1.5.2 Algumas gírias padronizadas da Terra Indígena Xapecó –SC

Mólão: garrafa de refrigerante

Boné amarelo: cachaça

Fazer boné: fazer fiasco, pagar mico

Godê: andar feliz, a toa, exibindo-se

Gorra: fazer o que não deve, algo inconcebível

Ucharia: algo assustador, fora de comum

Largo: expressão de habilidade incomum, no jogo quando alguém joga melhor

Com com: quando paga mico ou não alcança o desejado

Wasque: ação de negar. Não

Tãps: ação de negar. Não

Pelô a cara: quando alguém não alcança o desejado e outro tira sarro dizendo : pelo a cara

Péls: quando alguém não alcança o desejado, o outro tira sarro dizendo: péls

Empacotá: dar uma pancada forte, dar um soco forte

Brique: negociar alguma coisa

Mati-bailes: baile que começa a tarde e termina cedo, não vai até de madrugada

1.5.3 Sotaques

Os sotaques estão muito presentes nas comunidades, mas se percebe que são transmitidos de pais para filhos e quase sempre a forma de falar acompanha a descendência familiar. Na aldeia Baixo Samburá, a criança carrega gírias e sotaques de seus avós com palavreado mais lento e calmo o que torna as crianças socialmente calmas e muitas vezes tímidos e por conta da voz, facilmente identificamos a aldeia em que ela convive.

CAPÍTULO 2 O APRENDER

2.1 LAÇO DE PARENTESCO E O APRENDER

Há um laço muito grande entre vizinhos e parentes por isso convivendo de forma intensa as crianças aprendem juntas e consequentemente transmitem conhecimentos aos menores como as técnicas para aprender a nadar, pescar, etc. Aprendem de diversas formas, no ambiente escolar, fazendo coletas, pescando, plantando, caçando, cuidando de animais domésticos, desenvolvendo brinquedos e brincadeiras, etc.

O sistema de parentesco é muito relevante para a educação e desenvolvimento de ser indígena, incluindo o respeito sagrado pelo apadrinhado, sendo assim, logo quando a criança nascer será responsável por reforçar o laço parentesco, isso porque geralmente o compadre e ou comadre será alguém que já faz parte desses vínculos familiares.

O respeito aos mais velhos é fundamental, pois os mais velhos são considerados grandes conhecedores daquela comunidade, por isso nossas crianças devem aprender com eles as diversas histórias, mas é fundamental que estejam sempre contando e avisando quem são nossos parentes e os acontecimentos referentes a eles.

A criança é sempre estimulada a visitar os parentes, pois será fundamental para receber benção e para que todos percebam a desenvolvimento da criança. Sendo assim o desenvolvimento da criança sempre estará inserida no vínculo de parentesco e todos serão responsáveis em auxiliar no desenvolvimento e aprender da criança.

As crianças aprendem quando brincam em grandes grupos, em rios, ao redor de suas casas e entre vizinhos, ou em passeatas pelas aldeias em busca de divertimentos, locais de coleta, de pesca, etc. Em algumas aldeias as crianças aprendem em menor número e isso porque se encontrou um grupo de afinidade que geralmente são parentes.

2.2 LIBERDADE

Desde quando bebê procura-se expor a criança junto ao ambiente natural, com isso a criança se adapta a todos os ambientes e dificilmente ficará doente ao manter contato com a natureza. Daí em diante começa a liberdade em que a criança expressará ao longo de sua vida. Percebe-se que a criança, desde muito cedo é treinada a tomar as mais difíceis decisões, como por exemplo, fazer um brique em nome da família, no caso dos meninos

seria ficar totalmente responsável enquanto os pais não estiverem em casa. No caso dos meninos são expressamente livres para brincar, passear, fazer brique de seus pertences.

> em geral, quando pensamos na autonomia infantil, sempre a restringimos a certas esferas nas quais permitimos que as crianças tomem decisões. As etnografias mostram que as crianças indígenas têm uma liberdade de escolha que nos parece inconcebível, porque lhes permite tomar decisões que afetam diretamente seus pais, familiares ou a comunidade. **(**TASSINARI, 2007)

As crianças aprendem as coisas olhando e são expressamente livres, por exemplo: as crianças pequenas ficam livres para ir brincar com as crianças vizinhas do outro lado do rio e cruzam o riacho por cima de pequenas pontes ou atravessam em lugares mais rasos, certamente a mãe fica surpresa com a atitude do filho(a) mais isso acontece porque a criança viu alguém fazendo ou foi estimulada por seu coleguinha. Facilmente vemos pequenas crianças passando pequenos rios por barragens ou por galhos de árvores, mas sempre alguém esta dando atenção para as crianças, seja vizinhos, tios, pais, etc. É como se fossem olheiros onde mesmo de longe um cuida o filho do outro.

2.3 CRENÇAS

- Se a criança queimar vassoura seca, sai ferida nas orelhas, por isso a vassoura que nós usamos para varrer o terreiro não pode ser queimada.
- Se a criança começar a varrer a casa, ela está chamando visita surpresa.
- Se brincar em baixo da mesa ou em baixo de guarda- chuva não cresce mais.
- Se jogar pedra encima da casa ou correr em redor da casa chama a noite.
- Visage (fantasma).
- Se a criança caminhar na estrada no sentido contrário (de ré), a mãe morre logo.
- Criança pequena não pode carregar criança maior, por que cria papo.
- Não pode contar (apontar) as estrelas, se não cria verruga nas mãos.
- Não pode ameaçar a criança com faca, pois ela fica com gagueira.

- Se fizer o pinto piar na boca da criança, ela fala logo.

2.4 A MULHER QUE GRITA

Na aldeia Sede da Terra Indígena Xapecó, as crianças acreditam fielmente no conto da mulher que grita. Em dias de quaresma essa mulher caminha de um mato para o outro sobre as copas das árvores e sussurrando com gritos que podem ser escutados nas aldeias Sede e Olaria. Segundo o senhor Vicente da Luz - 56 anos, a mulher tem o poder de encantar e até deixar as vítimas perdidas no meio do mato. A mulher assombrada transita por cima das árvores entre dois matos que conhecemos o Mato da Vita. Essas matas receberam esses nomes em referência à dona Vita (Vitalina) que morava entre meio aos dois matos. Desde muitos tempos os matos são cortados por uma estrada que dá acesso de uma aldeia a outra, a aldeia Olaria e aldeia Sede. Veja na figura abaixo:

Figura 2: Mato da Vita: divide as aldeias Sede e Olaria

Fonte: Acesso ao google earth ano -2012- Arquivo pessoal

O professor Claudemir Pinheiro - 39 anos, residente na aldeia Olaria nos contou porque os dois matos ficaram assombrados.

> Uma vez, há muito tempo atrás um homem e sua esposa, saíram da aldeia Barro Preto onde moravam e foram fazer o rancho ao mercado em uma comunidade próxima, em Bom Jesus, ainda quando não era um município. Junto com eles levaram uma criança de colo, uma

> menina. Naquela época tinha mato pra todo lado, retornaram tarde da noite para casa e o homem vinha tomando muita bebida de álcool, ainda na metade do caminho o homem começou a ficar agressivo e no meio da mata que hoje está assombrada, espancou e matou a sua esposa. Sem saber o que fazer com a criança de colo, sua filha, colocou ela para mamar em sua mãe já morta e fugiu para os fundos da terra indígena. No outro dia quando a mulher foi achada morta, o povo ficou muito revoltado com a situação em que encontraram a mulher e o bebê. Reuniram a comunidade e foram caçar o assassino. Depois de achar ele, transferiram para outra terra indígena. Há boatos que na metade do caminho o homem foi morto da mesma forma em que matou a esposa, e a menina foi criada pelos parentes e com o passar dos anos foi embora para outra Terra Indígena, no Rio Grande do Sul.

Nas noites de quaresma o mato ficou assombrado e a mulher em forma de gigante e vestido branco caminha sobre a copa das arvores descendo e subindo de um mato para o outro sussurrando com gritos de dor, acompanha as pessoas até passar o mato em forma de vulto.

CAPÍTULO 3 DIVERSÃO

3.1 VARIEDADES DE DIVERSÕES

Há uma infinidade de diversões presentes no cotidiano das crianças, qualquer momento e ambiente supõe criar uma nova etapa da diversão e isso se revela de várias maneiras. Ao se deparar com um artefato inútil, brincam de deslizar em barrancos, caçam passarinhos, gostam muito de bicicletas, gostam de pescar e nadar. Perguntei ao Rafael Soares -10 anos. Onde você mais gosta de brincar ? ele disse: “na rampinha ali perto da minha casa”. Quando tomei nota a rampinha era um barranco da estrada que passava perto de sua casa, isso porque “Rafael” consegue adaptar várias brincadeiras àquele ambiente que ele chama de rampinha. O ambiente natural propõe uma diversidade de diversões e a criança se adapta a ele de acordo com o que o ambiente propõe, o que quero dizer é que a criança Kaingang aperfeiçoa e cria novos momentos para seu cotidiano.

Figura 3. Crianças desmontando uma televisão

Fonte: Aldeia Sede T.I Xapecó-SC, em18-02-2013

Assim como qualquer infância, a criança Kaingang é levada por curiosidades e a qualquer momento supõe suprí-las e quase sempre esse momento se dá entre crianças de vínculo de parentesco ou de vizinhos. Na figura acima, dois irmãos e um primo quebraram uma televisão que era inútil para família e os pais permitiram as crianças quebrá-la. Quando perguntei ao irmão mais velho, Elielton Kokoj Vieira-9 anos. Porque quebraram a televisão? Simplesmente ele respondeu: "nóis quebremo pra vê o que tinha dentro'' e retomei perguntando, o que vocês acharam? Ele responde : "era um oco, com um vidro grande que aparece as pessoas". Percebe-se que a partir de um contexto natural as crianças descobriram o que muitas outras ainda não sabiam e, isso surgiu de uma consequência natural onde a televisão estava inútil e com a permissão dos pais resolveram quebrá-la.

3.2 OS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

Os brinquedos e brincadeiras surgem de momentos simples. São objetos e artefatos inúteis, isso porque dificilmente compramos brinquedos para nossas crianças. Por isso, elas sempre buscam brinquedos e brincadeiras e acabam criando novos meios de interação, seja vasculhando e inventado brinquedos com artefatos. Sentam em algum objeto e deslizam no barranco, inventam carrinhos com garrafas pet, sabugos, papelão, pedaços de madeira, etc. Isso varia de aldeia para aldeia.

Figura 4: Criança brincando

Fonte: Aldeia Sede T.I Xapecó-SC, em12-05-2014

A figura acima demonstra a criança desenhando riscos para representar estradas. Essa brincadeira faz parte do saber adaptar ao contexto natural. Esta criança buscou uma brincadeira simples e de acordo com a realidade, pois certamente ela está representando alguma estrada que já conhece.

Os modos de transmitir saberes são muito ligados à vida cotidiana. Muitas vezes, em época de verão, nossas crianças aprendem a nadar em grupos, que passam o dia inteiro nadando em poções no decorrer do rio que corta a comunidade. Lá elas brincam em árvores ribeirinhas e ao mesmo tempo saltam no rio e nadam, desbarrancam a beira do rio e formam barragens (poço, poção) como chamam, feito de pedras e terra, e assim elas formam o ponto de lazer diário.

3.3 OS POÇOS DE BANHO

Construir um poço para banho é fundamental para as épocas de verão. As crianças de todas as idades têm esses lugares como locais acessíveis e como ponto de lazer diário. Citamos a aldeia Sede onde a incidência desses poços são maiores e se dá de diversas maneiras, onde as crianças aprendem a interagirem umas com as outras e principalmente aprendem a nadar.

A partir da observação e convivência com o cotidiano das crianças Kaingang da aldeia Sede percebemos como fazem poços para banho diários, especificamente em época de verão.

3.3.1 COMO CONSTRUIR UM POÇO

Como fazer:

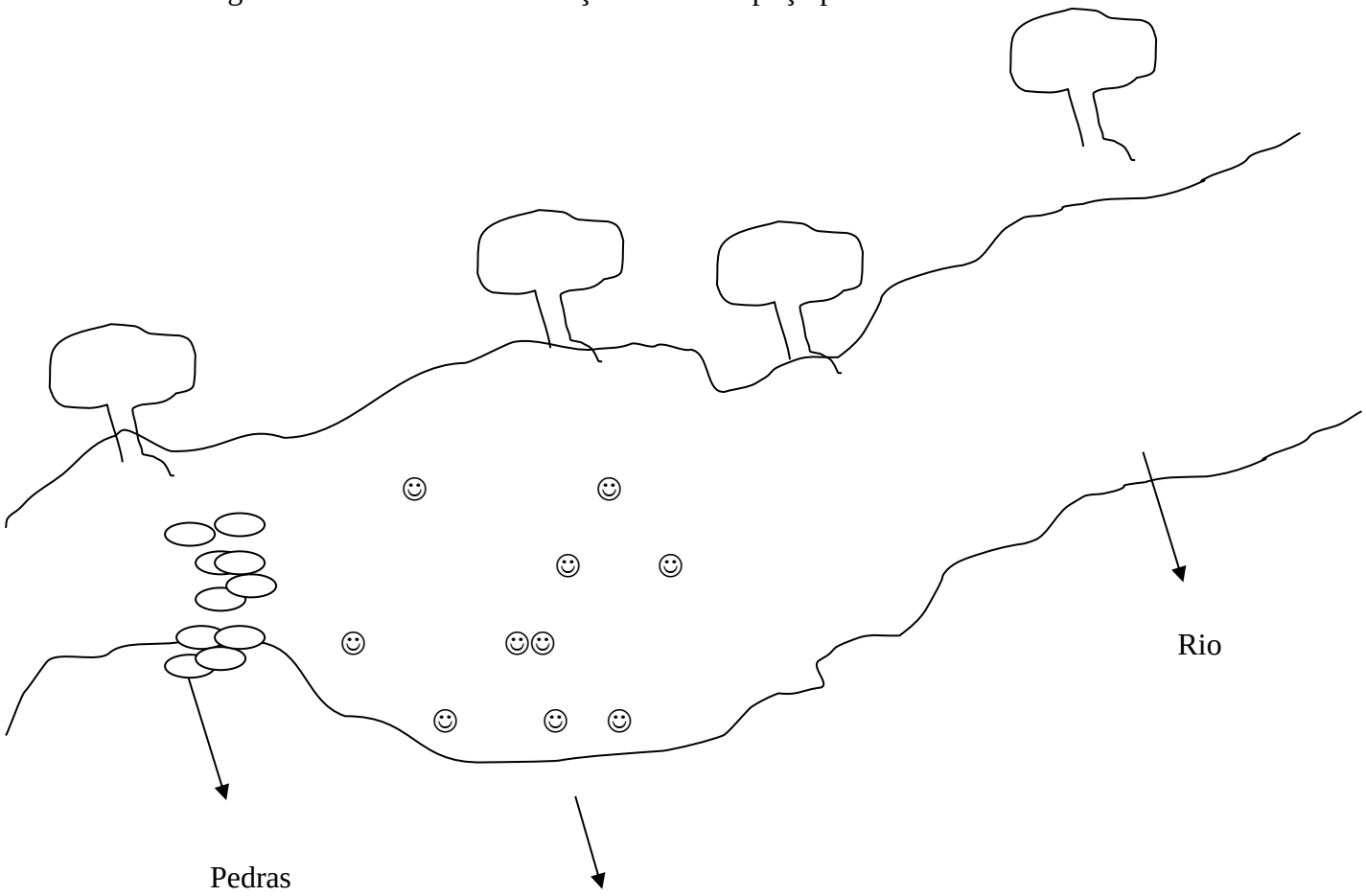
- Primeiro fazer uma análise dos ambientes com tocos e pedras se possível retirar fora do rio.
- No rio da aldeia escolhe um local limpo de preferência com árvores e de fácil acesso para todos.
- Com amigos, reunir o máximo de pedras possível, mesmo aquelas do rio.
- Coloque as pedras num local estreito do rio.

- Você observará que: enquanto as pedras são assentadas no rio, naturalmente o rio tornará um poço e ficará mais cheio de água.
- É importante um lado do poço ficar mais raso para os irmãos menores também se divertirem.
- Se preferir um poço mais amplo, apenas desbarranque as laterais direita e esquerda com um pedaço de madeira.

Como usar:

- Primeiro fazer uma análise dos ambientes com tocos, cacos e pedras. Se possível retirar fora do rio.
- Podemos brincar de pega-pega dentro e fora da água.
- Luta corporal: de companheiro ou de repassar, com barro no corpo ou sem barro.
- Dar bicão.
- Brincar de desaparecer na água.
- Quem fica mais embaixo da água.
- Deslizar no poço.
- Dar peroletas.
- Salto em distância no poço.
- Brincadeira de 31 (esconde-esconde).
- Mamãe cola.

Figura 5: Ilustra como as crianças formam o poço para banho



Fonte: Ilustração criada em agosto de 2013 pelos professores Marcos e Valdemir, para as aulas de estagio I realizadas na Escola Indígena de Ensino Fundamental Baixo Samburá (brinquedos e brincadeiras Kaingang)

3.4 BAILES E MATI-BAILES

Os bailes e mati-bailes acontecem em diversas aldeias e sempre com autorização do cacique. Quase sempre as bandas que animam esses bailes, são de indígenas da região. Em dias de baile as crianças de até 12 anos têm acesso gratuito por isso facilmente vemos as crianças ainda no colo da mãe em bailes e diversões e as crianças mais grandes correndo em meio aos bailantes chutando latas e divertindo-se, brincando de pega-pega. Ao final do baile

catam as latas para vender ao caminhão de sucatas que passa semanalmente nas aldeias. Para as crianças o baile é uma diversão e também uma fonte de renda.

Algumas crianças preferem prevenir-se para os dias de baile por isso buscam alguma maneira para adquirir renda. Fazem briques, fazem serviços (*bico*) em troca de uma renda para o baile. Em épocas da colheita do feijão a incidência de crianças em baile é maior, isso porque durante a colheita as crianças conseguem adquirir maior renda, mas alguns pais são dispostos em investir no divertimento dos filhos por isso doam alguma verba para o filho gastar.

3.5 FUTEBOL

O futebol além de ser um jogo, é uma das brincadeiras mais frequente entre as crianças de todas as aldeias. A diversão em que as crianças estão presentes são os torneios de final de semana, em cada torneio realizado as crianças estão muito presentes, seja na torcida ou fazendo parte de grupos de jogadores e isso colabora para a diversidade de idades em futebol, pois muitas vezes notei times onde os jogadores eram crianças disputando com muita raça junto aos mais velhos. Também percebi que alguns times convidam uma criança para jogar, quando isso acontece é porque a criança tem habilidade com o jogo.

Figura 6: Crianças da Aldeia Baixo Samburá jogando bola com time adulto

Fonte: Foto de Valdemir Pinheiro em 26-07-2014

O futebol é uma das brincadeiras mais frequente entre as crianças e é tido como uma atividade física dos adultos de todas as aldeias, sendo que em alguns lugares as crianças

agem e criam com simplicidade bolas de pano ou plásticos. Há muitos anos o futebol é uma atividade frequente nas aldeias, quando não tem bola, simplesmente criam uma para o exercício da atividade, assim como os antigos.

O senhor Miguel Farias, artesão, residente na Aldeia Sede, através do seu relato, nos revela como era antigamente o futebol. Diz ele:

> Nós apreendemos com o Neri, Levi e o Darci. Os três irmãos sempre jogavam comigo, nós morava lá no João Preto, nós vinha na sede do posto para estudar na época era a professora Marica. Nós gostava de brincar, pensemos de fazer o campo em qualquer gramado. Nossas bolas eram de palha de milho, nos amarrava uma na outra fazia argolinhas, amarrava todas as palhas. O Neri quem gostava de fazer as bolas, ele era fera mesmo, fazia sempre bem caprichado, mesmo com dificuldade para caminhar ele jogava bem, tinha força para chutar a bola. Daí fizemos o campinho para brincar, era pra cá do João Preto, ali no barro, naquela época ali era cheio de casas, nos andava sempre com um brinquedo, carrinhos feito de madeira. Também joguei pro 19 de abril. Eu era goleiro e ajudei a levantar o time, eu e o José, o Cebo. Hoje só cuido do Internacional, já fiz o documento do time no tempo do cacique Machado. Ainda de vez em quando jogo bola com a piazada, mas não direto, só nos amistosos do meu time. (**FARIAS**, Miguel 51 anos, 2014).

A entrevista com o senhor Miguel traz uma noção de como era o futebol antigamente e como o futebol vem evoluindo com o passar dos anos, pois hoje na Terra Indígena Xapecó existem muitos times juvenil e de crianças, times masculinos e femininos, e a organização desses jovens parte de alguns time indígena já registrado ou conhecido, como por exemplo: o Serrano, Baixo Samburá, Colorado, Internacional, Grêmio, Água Branca 19 de abril, entre outros. Se percebe que o futebol é uma atividade envolvente e muito bem disputada, entre os Kaingang.

Os times e principalmente seus torcedores, sejam eles indígenas ou não, possuem certas “rivalidades” entre si, algumas vezes explicitadas de maneira violenta. Entre os Kaingáng, não tivemos relatos de violência no futebol, mas averiguamos a intensidade na competição entre os jogadores. (SILVA, p. 61)

Através do futebol as crianças desenvolvem seu cotidiano. Em dias de chuva muitas vezes o jogo acontece em locais com muita lama e em dias de sol podem desenvolver a prática do futebol nas estradas, nos terreiros de casa, em locais planos, etc.

CAPÍTULO 4 TERRITÓRIO TRADICIONAL DA INFÂNCIA INDÍGENA KAINGANG TERRA INDÍGENA XAPECÓ-SC

4.1 O USO DO TERRITÓRIO PELA CRIANÇA

O uso do território se revela de várias maneiras e em diversas situações. Isso varia de acordo com a época do ano, pois percebi que em certas épocas do ano há incidências em ocupar o espaço tradicional de várias maneiras, isso seria mais constatado em épocas de verão, seja nas épocas de coletas de frutos em diversos setores e aldeias, quando em grupos percorrem os rios e açudes da aldeia ou quando se reúnem para caçar.

Figura 7 : Crianças indo à caça de pássaros

Fonte: Aldeia Sede, T.I. Xapecó-SC, em 12-05-2013

Durante o verão na Terra Indígena Xapecó, a criança está sempre em constante movimento, por ser uma temporada com calor intenso e ar seco, as crianças se adaptam de diversas maneiras ao espaço em que vivem. Sendo assim, estão constantemente adaptando as atividades ao lazer diário e quase sempre uma tarefa está ligada à outra, pois quando a

criança vai caçar e no caminho encontra algum rio, automaticamente por conta do calor intenso nesta caça estará incluído o banho e assim diariamente uma atividade estará ligada a outra.

4.2 A COLETA

O que define a infância é a liberdade e o incentivo à essa liberdade, que surge basicamente da necessidade de cada família. As crianças de cada aldeia tem um auto mapeamento memorial dos setores de coletas de frutos, como jabuticaba, guabiroba, bergamota, pinhão, araticum, capota, etc. O tempo de coleta às vezes parte da consulta individual aos pais ou aos mais velhos principalmente quando estes pontos de coleta se distanciam das comunidades e são longe do acesso permanente de crianças, sendo assim com uma consulta previa aos mais velhos o acesso aos setores de coleta ocorrerá no exato momento em que o fruto estiver maduro.

Geralmente as crianças coletam em grupos familiares ou de vizinhos. As crianças mais velhas ou com tamanho superior coordenam a prática da coleta, sendo que são também responsáveis por subir nas árvores e derrubar os frutos e os menores catam. Quando a família está na coleta do pinhão, a criança trepa, sobe em pinheiros mais baixos, cata a pinha, debulha o pinhão e prepara o fogo para as sapecadas. Nesse momento faz atividades que a diverte e de acordo com as intenções da família, ao mesmo tempo a criança se diverte e evolui a estima e a capacidade de aprender junto à natureza, em um ambiente calmo e de acordo com o lazer da criança .

4.3 A CAÇA

Na Terra Indígena Xapecó, nossas crianças e jovens gostam de caçar e existem várias formas de caçar, isso do ambiente, onde cada aldeia situa e varia de acordo com a época do ano, inverno ou verão, dia ou noite .

Cito a caça do pereá que muitas vezes surge de uma criança sapeca que dá inicio lascando fogo no banhado. Acontece de forma simples e sequencial, sempre em épocas de inverno quando o capim está seco, pois quando o capim de banhado estiver seco o fogo se alastra facilmente. As crianças tocam o fogo em um lado da capoeira e os pereás simplesmente saem correndo do outro lado da capoeira, e só esperar em um local limpo,

pois o pereá vai correr do fogo procurando outro abrigo. As crianças os caçam com pedras e madeiras verdes e levam para a casa para os pais prepararem.

A caça da rã é também muito frequente em diversas aldeias. Em épocas de verão, durante a noite as rãs saem fora da água para dormir e os jovens aproveitam para caçá-las com lanternas confeccionadas com lata de leite e vela. É fácil, é só fazer uma alça para a lata e colocar a vela acesa dentro. Quando as rãs se deparam com a luz das velas ficam neutras aí uma das crianças ataca com um pedaço de pau ou facão. Depois preparam tirando a pele, pés e órgãos. Nessa mesma caça, também é caçada a traíra que sempre vem à beira do banhado para dormir.

Grande parte das caças acontece a noite. Então quando é para caçar bicho grande, do tipo tatu, capivara, etc, esses jovens e crianças madrugam em caminhadas que variam, seja em matas, lavouras, banhado, capoeiras. Cada vez que voltam da caça recordam de divertidas lembranças como: o amigo que caiu no buraco, banhado. A pechada em uma árvore (tombo depois de bater- se em uma árvore), a emoção de sentir o cachorro seguindo a caça, o colega que se perde, o cântico ou barulho irreconhecível e assustador de algum animal ou quando o cachorro que se perde, ou cai em buraco ou perau. No outro dia todos dão muitas risadas quando relembram da caça.

4.4 A PESCA

Na pesca também não é diferente, pois muitas crianças aprendem a nadar e pescar, umas com as outras. Seja ao desenroscar o anzol, passando as redinhas feitas com bolsa de batatinha, ou brincando de pega-pega na beira de rios, açudes ou árvores ribeirinhas ou em pequenas barragens feita por elas, tudo isso pode fazer parte de uma pescaria na infância Kaingang, pois muitas vezes saem para pescar e acabam fazendo outras atividades, como sair para pescar e passar em setores de coleta de frutas. Em épocas da pesca as crianças da aldeia Sede saem cedo de casa para pescar no rio Chapecó e voltam à tarde. Durante esse tempo alimentam-se de frutos na beira do rio ou de peixe assado ou frutas, coquinho de palmeira, um fruto que por ser doce dizem que engana a fome, jabuticaba encontrada em matas na beira do rio Chapecó, bergamota que se encontra em terra dos *fog* (não índios) eles atravessam o rio para pescar e aproveitam para coletar bergamotas em potreiros do outro lado do rio Chapecó.

Quando chove as águas ficam escuras por conta das enxurradas daí os jovens aproveitam para pescar jundiá e cascudo principalmente nos pequenos rios que cortam as aldeias. Nesses dias as pescas acontecem com anzóis de vara ou com os chamados anzóis de mão. Quando a água está limpa algumas crianças usam sacos de batatinha como redes de pesca, essas redes são usadas em pequenos riachos para pegar lambaris.

É importante dizer que em algumas aldeias as crianças não têm o hábito de pescar e ou consumir peixe. Isso porque essas aldeias ficam mais distantes de grandes rios como os rios Chapecó e Chapecozinho e quando há algum pequeno rio na aldeia já está comprometido por conta da alta poluição e isso piora quando se faz divisa com territórios não indígenas com grande incidência de aviários e chiqueiros. Por isso as gerações daquela aldeia não conseguem transmitir conhecimento e afinidade com a pesca. Citamos como exemplo a Aldeia Baixo Samburá, onde o rio Samburá que faz a divisa da Terra Indígena Xapecó e também dá nome à comunidade Baixo Samburá, está totalmente poluído por dejetos de aviários e chiqueiros tornando o rio Samburá inútil para a biodiversidade e para o lazer das crianças. Percebemos que nessa comunidade as crianças não possuem o hábito permanente da pesca e isso porque o ambiente natural não proporciona.

4.5 LIMITAÇÕES DO TERRITORIO TRADICIONAL

Ainda hoje o uso do território se dá de várias maneiras, mas percebe-se que as crianças necessitam muito mais que o território já delimitado pelos não índios (*fóg*) percebemos que nossas crianças usam outros territórios não indígenas para pescar, caçar e coletar. Como Kaingang da Terra Indígena Xapecó tomamos nota que o que mais impacta na vida tradicional da infância é o grande aumento de lavouras mecanizadas. Isso se dá por diversos motivos, mas destacamos dois que estão muito ligados: expansão do agronegócio na terra indígena e extinção da biodiversidade, fauna e flora e diversas espécies de vida e culturas e consequentemente afetando o uso tradicional do território.

Hoje muitos setores de uso tradicional deixaram de existir e deram lugar a lavouras mecanizadas. Através disso queremos trazer como exemplo um setor de coleta e caça chamado pelas famílias de guavirová**,** um local de coleta de diversos frutos guabiroba, amora, ariticum e uvaieira, além de ser um local sagrado de coleta de água santa e mais ao lado junto com o mato também há um antigo cemitério, mas com o crescimento de lavouras e venenos, ao entorno, trouxe a debilitação da paisagem e da fauna e flora mudando bruscamente a cultura da biodiversidade, como consequência as arvores frutíferas estão

deixando de existir e os pássaros e animais silvestre estão desaparecendo. Sendo assim, as novas gerações de infância estão deixando de ver o *guavirova* como um espaço de uso tradicional, onde eu na minha infância, em épocas de coleta, diariamente frequentava para buscar frutos e coletar a água santa.

CAPÍTULO 5 TRABALHO

5.1 DEVERES DA INFÂNCIA

5.1.1 MENINOS

- **Buscar lenha na mata:** em algumas famílias as crianças são responsáveis por não deixar faltar a lenha em casa, geralmente busca-se a lenha em algum mato perto da casa da família, carregam picadas em bolsas ou em carrinho de mão.
- **Buscar água no balde:** em algumas casas ainda não tem água encanada e muitas vezes o poço de água fica longe, por conta do exercício da força essa tarefa acaba sendo direcionada aos meninos da família. Na aldeia Sede quando acontece algum problema com água encanada as crianças de forma geral ficam responsáveis em suprir a casa da família da necessidade da água. Quando na família não estiver o menino, quem deve ficar responsável pelas tarefas como um todo são as meninas.
- **Fazer compras nas bodegas (mercearias):** essa atividade se dá quando algum alimento torna-se necessário na família, imediatamente o menino da família é intimado a comprá-lo na bodega mais perto.
- **Caçar as galinhas caipiras para a refeição:** isso acontece a partir do momento em que os pais decidem que a galinha caipira fará parte da refeição, sendo assim a ave a ser caçada deve ser indicada pelos pais, as aves caipiras das comunidades são muito ágeis e muitas vezes voam por dezenas de metros o que torna a caça mais divertida para as crianças. A forma mais prática de caçar a ave exercida pela criança é correr atrás deferindo pedras e pauladas até a neutralidade da ave.
- **Cobrar contas:** responsável por cobrar os diversos tipos de contas e negócios.
- **Dar avisos, exemplo:** ir avisar algum parente que o velho está doente, ou avisar o motorista do carro da saúde que algum familiar necessita de ajuda, avisar a liderança indígena do desentendimento entre algum familiar.

- **Emprestar utensílios e alimentos em casas vizinhas:** as famílias mantém um laço muito grande entre vizinhos por isso se mantém o hábito de emprestar utensílios, alimentos, ferramentas, etc. As crianças são responsáveis por exercer essa função.
- **Cuidar os irmãos menores:** meninos também são responsáveis por cuidar dos irmãos menores e ajudar a criá-los até tornarem adultos, por isso muitas vezes também devem acompanhar os pais nas tarefas diárias em prol do bem estar da família.
- **Os meninos devem cuidar as irmãs meninas para não namorar:** os meninos também são considerados chefe familiar por isso faz parte de seu dever evitar constranger a imagem das meninas.
- **Emprestar fogo:** Geralmente isso acontece logo pela manhã quando é chegada a hora de fazer o fogo no fogão à lenha. Tendo a necessidade do avil ou fósforo para iniciar o fogo, os meninos são responsáveis por emprestar nos vizinhos mais próximos.

5.1.2 MENINAS

- **São responsáveis por lavar a louça, roupa, faxinas, etc:** até os 13 anos as meninas devem aprender as tarefas básicas junto com as mães.
- **Cuidam da alimentação dos irmãos mais novos.** As meninas são responsáveis e devem cozinhar e cuidar da alimentação dos irmãos mais novos, principalmente quando os pais estão ausentes.
- **Aprendem a cozinhar todos os cardápios da cultura da família:** na alimentação Kaingang existem uma diversidade de cardápios e as meninas aprendem de mãe para filha a cozinhá-los, como por exemplo: virado, bolinho na chapa, esfarelado, bolo de milho verde, pamonha, radite, etc.

5.2 A COLHEITA DO FEIJÃO

Na região oeste de Santa Catarina, onde moro, temos a época da colheita do feijão e de janeiro a julho as crianças e jovens ajudam na renda da família. Os empreiteiros passam durante a madrugada nas aldeias sempre com muita buzina para acordar os interessados em trabalhar, algumas vão acompanhadas dos pais, outras não, mas na grande maioria, os trabalhadores são crianças. Percebemos que elas trabalham por diversos motivos, seja para

comprar roupas, comprar materiais escolares, ajudar na renda familiar, pagar alguma conta, comprar celular, etc. Os pais reconhecem as necessidades dos filhos e incentivam as crianças desde cedo a comprar o que desejam, dando autonomia a elas para comprar o que querem. Uma parcela de renda adquirida através da renda da criança é investida no sustento familiar, assim os meninos desde cedo aprendem a sustentar a família. Na época da colheita do feijão se percebe a evasão de alguns alunos do ambiente escolar, sendo que se dedicam ao ambiente escolar apenas quando o ônibus não vem isso porque a criança está buscando suprir sua auto-necessidade. Geralmente arranca feijão até o meio dia, depois de medido a área trabalhada os trabalhadores esperam no ônibus até os últimos chegarem daí então começa o acerto pelo serviço. Na colheita do feijão, muitas crianças preferem trabalhar separadas dos pais, isso demonstra que são autônomas, pois quando recebem pelo trabalhado destinam uma porcentagem para a renda da família e a segunda opção é para comprar roupas para melhor se apresentarem em bailes e festas.

As crianças desde muito cedo aprendem a viver expostas ao trabalho dos pais e a convivência na vida cotidiana dos pais e parentes.

Veja o que o sistema jurídico atual define. Na CLT- Consolidação das Leis do Trabalho, no "Art. 403. É proibido qualquer trabalho a menores de dezesseis anos de idade, salvo na condição de aprendiz, a partir dos quatorze anos.."Parágrafo único. O trabalho do menor não poderá ser realizado em locais prejudiciais à sua formação, ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social e em horários e locais que não permitam a freqüência à escola." (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10097.htm)". **LEI Nº 10.097, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000.** Acesso em: 21 de junho de 2014.

Infelizmente a realidade da infância indígena se contradiz com o cotidiano jurídico e escolar criando aí um retrocesso social, certamente a criança Kaingang promove a ação que acha ser necessário para o seu cotidiano de acordo com a realidade e necessidade, seja ela pessoal e familiar, pois por muitas vezes a criança deixa de ir ao ambiente escolar para passar o dia todo no mato catando o pinhão com seus pais.

5.3 VENDAS DE SUCATAS

Com a passagem frequente do caminhão do ferro se percebe a redução do lixo de derivados do ferro e alumínio sendo que um dos grandes responsáveis por essa redução

também são as crianças. Isso porque diariamente catam lixos de ferro e alumínio pela aldeia e vizinhança e depositam em algum lugar perto de casa até que o caminhão passe pela aldeia. Quando o caminhão passa as crianças rapidamente levam todo o tipo de alumínio e ferro contribuindo para a conservação das aldeias.

CAPÍTULO 6 AS FASES DA VIDA

6.1 NASCIMENTO

Hoje os nascimentos ocorrem em hospitais da região e grande parte se dá no município de Xanxerê devido ao convênio do SUS - Sistema Único de Saúde, com o hospital regional. Quando a mãe indígena fica doente é chamado o carro da saúde que a leva até o hospital. Quando na gestação a família e os parentes prestam total apoio para o melhor desenvolvimento da criança. Quando a criança é recém-nascido, se troca muito conhecimento através do diálogo de experiências para que seja aplicado na vivência do bebê, desde aprender a engatinhar, o que pode comer, simpatias, remédios caseiros, cuidado com o umbigo , etc. Em muitos casos quando a mãe é solteira a tendência é que o filho seja doado e criado pelos avós, mesmo sem o procedimento judiciário legal.

6.2 *GIR SI*: bebê - 0 a 1 ano

O bebê de colo quando ainda consideramos muito frágil e necessita muito dos cuidados dos mais velhos e atenção dos parentes. Por isso quando o bebê está doente sempre alguém vai ensinar algum tipo de chá, simpatia, benzimento ou indicar um benzedor para buscar a melhora para o bebê. Também vai ser pensado um plano para melhor finalidade do umbigo, geralmente enterra-se, pois acredita-se que o umbigo estando enterrado o filho nunca irá sair morar longe do umbigo. Cito o meu filho Ângelo Gabriel que tem o umbigo enterrado na raiz de uma palmeira ao lado de minha casa, minha mãe me ensinou assim e foi assim que eu fiz.

6.3 *GĩR* : *criança* - 0 a 13 anos

Essa fase também inclui o ***gĩr sĩ,*** o *bebê* de 0 a 12 anos consideramos crianças, porque a criança está muito carente de cuidados mesmo tendo a liberdade expressa sempre teremos a atenção voltada para elas, pois nessa fase estão muito curiosas junto ao ambiente que os cerca. Nessa fase quando a criança começa a caminhar deixamos ela correr atrás de outras crianças para brincar juntas, tudo o que ela quiser pegar ela pega e fica muito suja durante o dia todo, pois está em contato permanente com a terra mas conforme nossas crianças vão crescendo também vamos ocupando com afazeres e quando elas saem longe sempre avisam os pais para não ficar preocupados.

6.4 ***TI***: adulto/ homem

Entre os 13 aos 60 de idade de adulto. A partir dos 13 anos os meninos sentem-se livres. É onde eles propriamente dizem serem homens e são expressamente livres para fazer briques (*fazer negócio*), visitar os mais velhos e são donos do seu próprio lucro, seja renda de safra do feijão, coletas, briques, bicos, etc, mas tudo ainda está associado em suprir o sustento da família.

6.5 CASAMENTO: na fase inicial da juventude

Acontecem casamentos entre a idade de 12 e 13 anos. Geralmente os meninos casam pela primeira vez com 14 anos e as meninas com 13 anos, por isso até os 13 anos as meninas aprendem a lavar roupas, loucas, faxina, hospedar visitas, etc. Dificilmente casamos em igrejas ou em públicos vestidos de noivo, percebe-se que grande parte dos namoros surgem na escola e geralmente os casamentos surgem de namoros extensos ou de primeira vista, depois o homem combina com a noiva pra (fuji) desaparecer por alguns dias ou apenas por uma noite, no outro dia(s) costuma-se apresentar-se a liderança local (capitão) para que haja conciliação entre as famílias unidas. Dificilmente acontece, mas alguns preferem ir conversar diretamente com os pais da moça agora casada.

Pode acontecer de os pais não aceitarem o casamento da filha com o individuo, mas estarão cientes que a comunidade terá outra visão sobre a moça, pois agora ela é considerada mulher adulta, por isso o segundo casamento naturalmente virá logo quase sempre com anuência dos pais da moça ou não. Os Kaingang da Terra Indígena Xapecó naturalmente casam mais de uma vez e a grande maioria desses casamentos resulta em filhos. Quando o

casamento não dá certo alguns avós ou tios adotam o neto ou sobrinho para criar, sucedendo a mulher o início de uma nova vida para trabalhar ou casar novamente.

Quando casam, primeiramente moram com os pais de um dos noivos até construir uma casa para morar, como dizem: "até se ajeitar", pois quando casam começam um novo relacionamento uma vivência que já vinha sendo treinada por ele e por ela e quando ela casar grávida, naturalmente o relacionamento terá maior atenção pelos parentes de ambos, onde a contribuição pelo bem viver torna-se necessário.

6.6 *KÓFA*: velhice

Quando chega nos 60 anos ou quando se torna avô**,** se percebe que quando um Kaingang se torna ***kófa*** sua preocupação é sossegar e nessa fase ele se dedica a dar conselhos, transmitir ensinamentos deixa de ser uma preocupação o capital familiar onde o que importa é o auto sustento familiar por considerar-se a idade de descanso

6.7 Kyrũ : homem que nunca casou-se, isso não quer dizer que o indivíduo deixe de ter relacionamentos ou descendentes, mas que sempre será solteiro por diversos motivos sendo que um deles é a representatividade familiar onde o indivíduo preza pela convivência vital com os pais, sendo assim este individuo torna –se importante para vida dos pais , pois será responsável por cuidar deles enquanto conviver com eles, na saúde, no mantimento familiar, distribuição da renda dos velhos, e quando o velho for *kujá* (benzedor) naturalmente o *Kyrũ* (filho que nunca casou-se) será o sucessor, isso porque automaticamente obteve o maior tempo de convivência junto ao pai, o *kujá*. Entrevistamos o Senhor Jandir Inácio, que com 33 anos ainda mora com seu pai *kujá* da aldeia Olaria, o Sr José Inácio. Ele diz: "casei 6 meses e resolvi, eu tenho que cuidar deles (pais), eu quero ser que nem meu pai (*kujá*). Eu já aprendi muito, eu sei quando vai acontecer as coisas e também sei fazer remédio pra viver mais tempo, eu já sei muita coisa". Percebemos que há um laço forte com seus pais e consequentemente a vontade de ser *kujá*, ajuda a mantê-lo junto a seus pais para aprender, pois há uma necessidade de buscar conhecimento através do *kujá* mais experiente e certamente Jandir Inácio será sucessor de seu pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que este trabalho foi importante para apresentar a infância Indígena Kaingang da Terra Indígena Xapecó, pois a cada momento busquei trazer a infância e a sua vivência junto ao ambiente natural e o cotidiano da criança. Cada momento foi importante para conhecer e buscar novos olhares sobre a infância indígena. Houve momentos de pesquisa muito importantes que automaticamente me remetia a momentos de comparação com a minha infância, percebi que muitas vivências se reproduzem e isso é reflexo do ambiente a qual estão inseridas.

Este trabalho me fez entender e ver as mudanças cotidianas e sua relação com a infância Indígena Kaingang na Terra Indígena Xapecó e me chamou atenção como o aspecto físico geográfico muda bruscamente e afeta o ambiente cultural e social da infância Kaingang. Buscando entender essas mudanças percebemos que a expansão desordenada e despolitizadas de lavouras mecanizadas afeta diretamente a cultura da sociedade Kaingang e consequentemente a infância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Eliton, 12 anos, **entrevista sobre o cuidado dos irmãos menores,** outubro de 2014, Aldeia Sede-Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

Consolidação das Leis do Trabalho – **CLT. LEI N. 10.097, de 19 de dezembro de 2000.** Acessado em 20 de maio de 2014. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110097.htm

FARIAS, Miguel, 51 anos, **entrevista sobre o uso do futebol indígena nos tempos antigos com velhos da comunidade**, abril de 2014, Aldeia Sede-Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

INÁCIO, Jandir, 33 anos, **entrevista sobre o casamento,** outubro de 2014, Aldeia Olaria – Terra Indígena Xapecó - **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

KARAI, Silvones, 27 anos, **entrevista sobre dados das famílias da aldeia limeira**, setembro de 2014, Aldeia Limeira -Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

LUZ, Vicente da, 56 anos, **entrevista sobre o conto da mulher que grita**, janeiro de 2014, Aldeia Sede-Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

PEREIRA, Magali Cecili Surjus. **Meninos e Meninas Kaingang: o processo de socialização.** Londrina: UEL, 1998.

PINHEIRO, Claudemir, 39 anos, **conto da mulher que grita no Mato da Vita**, junho de 2014, Aldeia Olaria- Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

SOARES, Rafael, 10 anos, **entrevista sobre local preferido de brincadeira**, setembro de 2014, Aldeia Sede-Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.

SILVA, Aracy Lopes da e MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva, NUNES, Angela (orgs). **Crianças Indígenas: Ensaios Antropológicos.** São Paulo: Global, 2002.

SILVA, Jeniffer Caroline da. **Bola na rede: futebol e lazer entre os Kaingáng da Terra Indígena Xapecó/SC.** TCC-História, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2011.

TASSINARI, Antonella. **Concepções Indígenas de Infância no Brasil.** Tellus. Campo Grande – MG. NEPPI/UCDB. 2007.

VIEIRA, Elielton, 09 anos, **entrevista sobre: curiosidade ao desmontar uma televisão,** fevereiro de 2014, Aldeia Sede-Terra Indígena Xapecó- **ENTREVISTADOR**: Valdemir Pinheiro.